

## **APROFUNDAMENTO – 7. «PASSOS DE EXPERIÊNCIA CRISTÃ»**

*O que pode acontecer de mais belo num dia senão poder encará-lo acompanhado por alguém que se debruça sobre todas as perguntas que temos, sem nenhuma vergonha? Lemos na ficha passada: «A atenção que dirige ao homem é cheia de infinita compreensão, de cordialidade sem reservas. ‘Até mesmo todos os teus cabelos estão contados.’ Ele sente compaixão pela dor; não consegue nem comer, se antes não curou os doentes. Chora sobre Lázaro, soluça sobre a cidade.» (Passos de experiência cristã – ficha 7).*

*Alguns jovens romenos, no último mês de janeiro, viram o Papa comover-se diante das suas perguntas para levar-lhes a mesma compaixão de Jesus: «Mesmo se estivermos num estado de grande fragilidade, se estivermos sujos de pecados, se formos abandonados por tudo e pela vida, Ele nos abraça e nos beija».<sup>1</sup>*

Nestes dias ficou marcada, quase esculpida, no imaginário coletivo de muitos a comoção, o choro “privado” experimentado pelo Papa Francisco mesmo com as perguntas dirigidas a ele por um jovem da Romênia “rejeitado” duas vezes pela mãe quando tinha dois meses de vida e depois na idade adulta, com mais vinte anos. Um encontro ocorrido de maneira estritamente privada no dia 4 de janeiro passado e cheio de muitos “porquês?” e de ternura, que viu como protagonistas, além do Papa Francisco e do jovem, também um grupo de trinta jovens romenos sob risco de exclusão social, assistidos pela associação “FDP – Protagonistas na Educação” (uma entidade ligada ao carisma de Dom Luigi Giussani” [...]).

O que atingiu a sensibilidade do Papa foi o que confiou este jovem com mais de 20 anos: «Por que a minha mãe não me aceita? Abandonou-me num orfanato, e reencontrei-a aos 21 anos, mas não se comportava bem comigo e fui embora». O Papa confessou que chorou, assim que leu a pergunta, porque «me pegou talvez com as defesas baixas», e explicou que não é questão de culpa dos adultos, mas das suas grandes fragilidades, «devidas, no vosso caso, a tanta miséria, a tantas injustiças sociais que esmagaram os pequenos e os pobres». Que endurece os corações e provoca uma coisa que parece impossível, que uma mãe abandone o próprio filho. «Tua mãe te ama, mas não sabe como expressá-lo» foi o pensamento do Papa Francisco. «Não consegue porque a vida é dura, é injusta. Prometo-te que vou rezar para que um dia possa fazer-te ver esse amor. Não sejas cético, tem esperança».

Como foram carregados de significado e densos de perguntas por significado os sucessivos diálogos travados entre o bispo de Roma com esse elenco de jovens. Ao Papa levaram as suas perguntas sobre a vida e sobre a morte, sobre a doença e sobre os pecados, sobre a dor provocada pelo abandono dos próprios pais, as dificuldades em manter laços duradouros ou em aceitar as respostas de uma Igreja que, às vezes, parece construir “muros” mais do que “pontes”.

Muitos “porquês”, confidenciou Bergoglio, que tentou responder a quase todos os quesitos. Muitos “porquês”, «nunca é possível responder completamente a uma pergunta que vem do coração», e porque a algumas interrogações só Deus pode responder. «Na vida há »

<sup>1</sup> Francisco, *Audiência com os jovens romenos ajudados pela ONG “FDP – Protagonistas na educação”*, 4 de janeiro de 2018..

» muitos “porquês” aos quais não podemos responder. Podemos apenas olhar, ouvir, sofrer e chorar», disse. E observou: «É difícil receber ajuda dos pais frágeis e às vezes somos nós que devemos ajudá-los». O encontro de janeiro foi também a oportunidade para dissipar as dúvidas de um jovem que, no ano passado, na Quinta-feira Santa, viu morrer um de seus amigos do orfanato. «Um padre ortodoxo nos disse que morreu pecador e por isso não irá para o Paraíso. Eu não acredito que seja assim», confidenciou o jovem. E o Papa Francisco quis oferecer uma reflexão sua: «Talvez esse padre não soubesse o que dizia, talvez naquele dia esse padre não estivesse bem, tivesse algo no coração que o fez responder assim. Nenhum de nós pode dizer que uma pessoa não foi para o céu. Digo-te uma coisa que talvez te espante: nem mesmo de Judas podemos dizê-lo. Tu lembraste o vosso amigo que morreu. E lembraste que morreu na Quinta-feira Santa. Parece-me muito estranho o que ouviste daquele sacerdote, seria preciso entender melhor, talvez não tenha sido bem entendido... De todo modo eu te digo que Deus quer levar-nos a todos ao Paraíso, sem exceções». Ele é o bom Pastor que «está sempre em caminho» para encontrar as ovelhas perdidas, e «não se assusta quando nos encontra, mesmo se estivermos num estado de grande fragilidade, se estivermos sujeitos de pecados, se formos abandonados por tudo e pela vida, Ele nos abraça e nos beija».

(«O choro do Papa pelo jovem abandonado», *Avvenire*, 21 de fevereiro de 2018)

*Procurar o olhar cheio de autoridade e de ternura de um “bom pastor” sobre a nossa vida, é uma coisa de adultos ou de crianças? Você o procura ou o evita? Onde o encontrou?*